

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

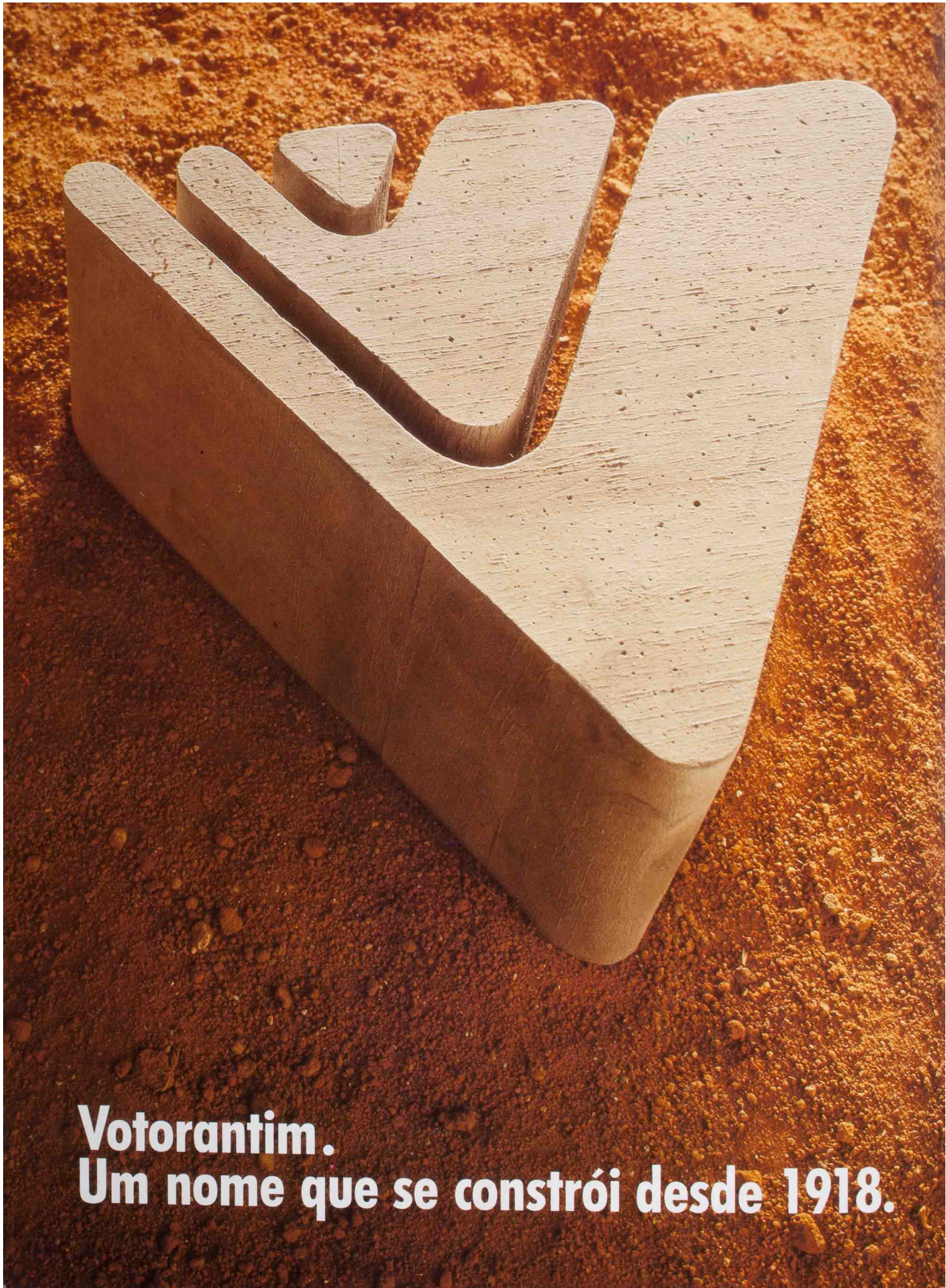


Matthias Goerne

Barítono

Eric Schneider

Piano



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

MATTHIAS GOERNE

Barítono

ERIC SCHNEIDER

Piano

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Telefônica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM





Matthias Goerne *Barítono*

P

Para Matthias Goerne, o ofício de cantor não é apenas uma fonte de prazer; significa também, e acima de tudo, o compromisso de alcançar o mais alto nível artístico, o mesmo patamar que seus mestres – dentre eles o Professor H. J. Beyer, o barítono Dietrich Fischer-Dieskau e a soprano Elisabeth Schwarzkopf – souberam ocupar. A meteórica ascensão de Goerne à fama não foi obra do acaso: após alguns poucos encontros com o cantor, o pianista Alfred Brendel convidou-o para trabalharem juntos, no que foi seguido por Vladimir Ashkenazy, com quem gravou os ciclos *Dichterliebe* e *Liederkreis*, de Schumann. O barítono já colaborou também com Claudio Abbado e com Christoph von Dohnányi, sob cuja batuta estreou no Festival de Salzburgo de 1997, como *Papageno* de *A Flauta Mágica*.

Matthias Goerne sente-se à vontade em vários estilos, como vem demonstrando em suas apresentações ao lado de regentes como Vladimir Ashkenazy, Herbert Blomstedt, Riccardo Chailly, Nikolaus Harnoncourt, Mariss Jansons, Kurt Masur, Roger Norrington e Helmuth Rilling, dentre outros. Em poucos anos, tornou-se tão conhecido em Londres e em Nova Iorque, onde estreou no *Carnegie Hall*, em 1999, quanto em Hamburgo, Zurique, Berlim e Leipzig. Em seus recitais de *lieder*, tem sido acompanhado por pianistas do quilate de Andreas Haefliger, Graham Johnson e Eric Schneider.

Ainda no início de sua carreira, Matthias Goerne alcançou grande sucesso ao cantar todos os três ciclos de Schubert para o exigente público do *Wigmore Hall* de Londres, mesmo sucesso que coroou suas apresentações por toda a Europa e nas Américas do Norte e do Sul. Um de seus maiores êxitos foi a interpretação das canções de Wolf, em fevereiro de 1997, com Riccardo Chailly à frente da Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, recital que viriam a gravar posteriormente.

**Não perca
a próxima
atração!**

CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

(para assinar ligue (011) 535-5518)

A trajetória artística de Matthias Goerne tem sido uma sucessão de triunfos, como o que alcançou em Belfast e Berlim ao interpretar o *Winterreise* com o pianista Alfred Brendel, que deixara de acompanhar cantores desde sua parceria com Fischer-Dieskau. Esse recital da dupla foi repetido em 1998, nos Festivais de Edimburgo e de Schleswig-Holstein, e no ano seguinte em Nova Iorque, Toronto, Princeton, Genebra, Hamburgo, Schwetzingen, Feldkirch, Salzburgo, Lucerna e em Londres, no *Wigmore Hall*. Sobre suas apresentações nessa cidade, o jornal *The Daily Telegraph* escreveu: “Goerne firmou-se rapidamente como o melhor cantor de *lieder* alemães desde Dietrich Fischer-Dieskau, e a parceria com Alfred Brendel foi providencial... Com sua diversidade de registros emocionais, Goerne não perdeu uma só vez a suavidade de um legato capaz de expressar a mais tênue nuance de sentido das palavras”.

Embora encontre nos recitais de *lieder* e nos concertos a sua maior paixão – em junho deste ano o barítono arrebatou o público e a crítica de Paris e Londres cantando o ciclo mahleriano *Das Knaben Wunderhorn*, com Riccardo Chailly e a Orquestra do *Concertgebouw* –, Matthias Goerne vem-se apresentando com sucesso também nos palcos líricos. Dentre suas principais realizações nesse campo destacam-se: o papel título de *Der Prinz von Homburg*, de Hanz Werner Henze; as personagens de *Marcello*, em *La Bohème*, e *Wolfram*, em *Tannhäuser*; o papel de *Papageno*, que cantou na temporada 1998/1999 do *Metropolitan* de Nova Iorque e que voltou a interpretar no Festival de Salzburgo de 1999; e, no ano passado, uma aplaudidíssima estréia como *Wozzeck*, em Zurique, sob a direção de Christoph von Dohnányi.

Goerne tem levado para os estúdios de gravação o mesmo padrão de qualidade que imprime a suas apresentações públicas. Depois de participar dos registros da *Deutsche Sinfonie*, de Eisler, e de *Die Vögel*, de Braunfels – ambos com a *Entartete Musik* –, o barítono gravou seu primeiro CD solo para a *Decca*, um recital de canções de Schubert/Goethe, com o pianista Andreas Haefliger. Esse primeiro álbum solo obteve excelente acolhida da crítica e foi agraciado com os prêmios *Diapason d’Or*, na França, e *Echo Klassik 1997*, na Alemanha.

Sua gravação dos ciclos *Dichterliebe* e *Liederkreis opus 24*, de Schumann, com Vladimir Ashkenazy ao piano, lançada no início de 1998, motivou os seguintes comentários da crítica: “Com seu timbre escuro e aveludado, seu intenso legato, e respondendo com requinte às sombras flutuantes dos amargos versos de Heine, Goerne oferece uma leitura hipnótica do *Dichterliebe* e do *Liederkreis opus 24*” (*Gramophone*); “Uma das melhores interpretações gravadas de Schumann” (*The Guardian*); “Leituras infinitamente sutis” (*Hi Fi News*). Ainda em 1998, o cantor gravou o álbum *Hollywood Songbook*, com obras de Hans Eisler, cujo lançamento coincidiu com o centésimo aniversário de nascimento do compositor alemão. A afinidade de Matthias Goerne com a música de Eisler é notável, e sua gravação, que se tornou uma das mais completas amostras das *Hollywood Lieder* de Eisler, mereceu da revista *Gramophone* a indicação de *Editor’s Choice* e o seguinte comentário: “uma realização magistral e profundamente comovente”.

Para o selo *Hyperion*, Matthias Goerne e Graham Johnson registraram os álbuns Canções de Schubert e *Winterreise*. Dentre as mais recentes gravações do barítono, lançadas pelo selo *Decca*, destacam-se: *Liederkreis opus 39* e *Kerner Lieder opus 35*, de Schumann, com o pianista Eric Schneider; *Orchestral Songs* de Wolf, com a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã regida por Riccardo Chailly; e Cantatas de Bach, com a Camerata Acadêmica de Salzburgo dirigida por Roger Norrington.



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.



Eric Schneider *Piano*

O pianista alemão Eric Schneider, neto do autor Albrecht Schaeffer, que emigrou para os Estados Unidos em 1938, diplomou-se pianista solista em Colônia. Seu fascínio pelo *lied* levou-o a estudar essa arte com Hartmut Höll. Parceiro constante, por longos períodos de tempo, de diversos grandes cantores, aprimorou-se continuamente com a soprano Elisabeth Schwarzkopf e o barítono Dietrich Fischer-Dieskau.

Como pianista, Eric Schneider tem-se apresentado nas mais prestigiosas salas de concerto e em importantes eventos musicais da Europa e dos Estados Unidos, tais como o *Wigmore Hall* de Londres, o *Concertgebouw* de Amsterdã, a *Philharmonie* de Berlim, a *Gewandhaus* de Leipzig, a *Philharmonie* de Colônia, a *Konzerthaus* de Viena, o Festival Gidon Kremer de Lockenhaus e a Schubertiade de Feldkirch; nos Estados Unidos, foi ouvido pelo público de Los Angeles, Washington, Nova Iorque e Filadélfia, acompanhando Matthias Goerne (em Nova Iorque, o pianista apresentou-se também ao lado de Christine Schäfer).

A discografia de Eric Schneider inclui os seguintes títulos: *Lieder* de Goethe, de vários compositores, e Integral dos *Lieder* de Anton Webern, ambos com Christiane Oelze; *Die Schöne Magelone*, de Brahms, com Hans-Peter Blechwitz e a atriz Cornelia Froboess; Canções de Poulenc, com o baixo-barítono Werner van Mechelen; e *Hollywood Songbook*, de Eisler, e *Lieder* de Schumann, com Matthias Goerne.

Além de suas atividades como recitalista e pianista acompanhador, Eric Schneider leciona *Lied* na *Hochschule für Musik Hanns Eisler*, em Berlim, cidade onde atualmente se dedica também ao estudo de regência orquestral.

Série Branca

22 de agosto, terça-feira, 21h

Franz Schubert (1797 - 1828)

Die schöne Müllerin, D.795, opus 25, n^{os} 1-20

A Bela Moleira,
Lieder sobre textos de Wilhelm Müller

Das Wandern

Wohin?

Halt!

Danksagung an den Bach

Am Feierabend

Der Neugierige

Ungeduld

Morgengruß

Des Müllers Blumen

Tränenregen

Mein!

Pause

Mit dem grünen Lautenbande

Der Jäger

Eifersucht und Stolz

Die liebe Farbe

Die böse Farbe

Trockne Blumen

Der Müller und der Bach

Des Baches Wiegenlied

Série Azul

24 de agosto, quinta-feira, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 - 1827)

An die ferne Geliebte, opus 98, n^{os} 1-6

À Amada Distante,
Lieder sobre textos de Alois Jeitelles

*pausa de 5 minutos,
por favor permaneçam em seus lugares*

Franz Schubert (1797 - 1828)

Taubenpost, D.965a

Pombo-correio,
Lied sobre texto de Johann Gabriel Seidl

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne,
Lieder sobre textos de Ludwig Rellstab

Liebesbotschaft

Kriegers Ahnung

Frühlingssehnsucht

Ständchen

Aufenthalt

Herbst - D.957

In der Ferne

Abschied

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne,
Lieder sobre textos de Heinrich Heine

Der Atlas

Ihr Bild

Das Fischermädchen

Die Stadt

Am Meer

Der Doppelgänger

Série Verde

28 de agosto, segunda-feira, 21h

Franz Schubert (1797 – 1828)

Winterreise, D.911

Viagem de Inverno,
Lieder sobre textos de Wilhelm Müller

Gute Nacht

Die Wetterfahne

Gefrorene Tränen

Erstarrung

Der Lindenbaum

Wasserflut

Auf dem Flusse

Rückblick

Irrlicht

Rast

Frühlingstraum

Einsamkeit

Die Post

Der greise Kopf

Die Krähe

Letzte Hoffnung

Im Dorfe

Der stürmische Morgen

Täuschung

Der Wegweiser

Das Wirtshaus

Mut

Die Nebensonnen

Der Leiermann

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

Dada a natureza do repertório escolhido por Matthias Goerne para suas apresentações em São Paulo, não haverá intervalo em nenhum dos recitais.

Em virtude do alto grau de concentração exigido por esse repertório, o cantor pede ao público que evite virar as páginas do encarte com as letras das canções antes do final de cada uma delas.

Matthias Goerne solicita também que se evite tossir ou fazer ruídos entre um Lied e outro.

Próximos Concertos

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

23 de outubro, segunda-feira

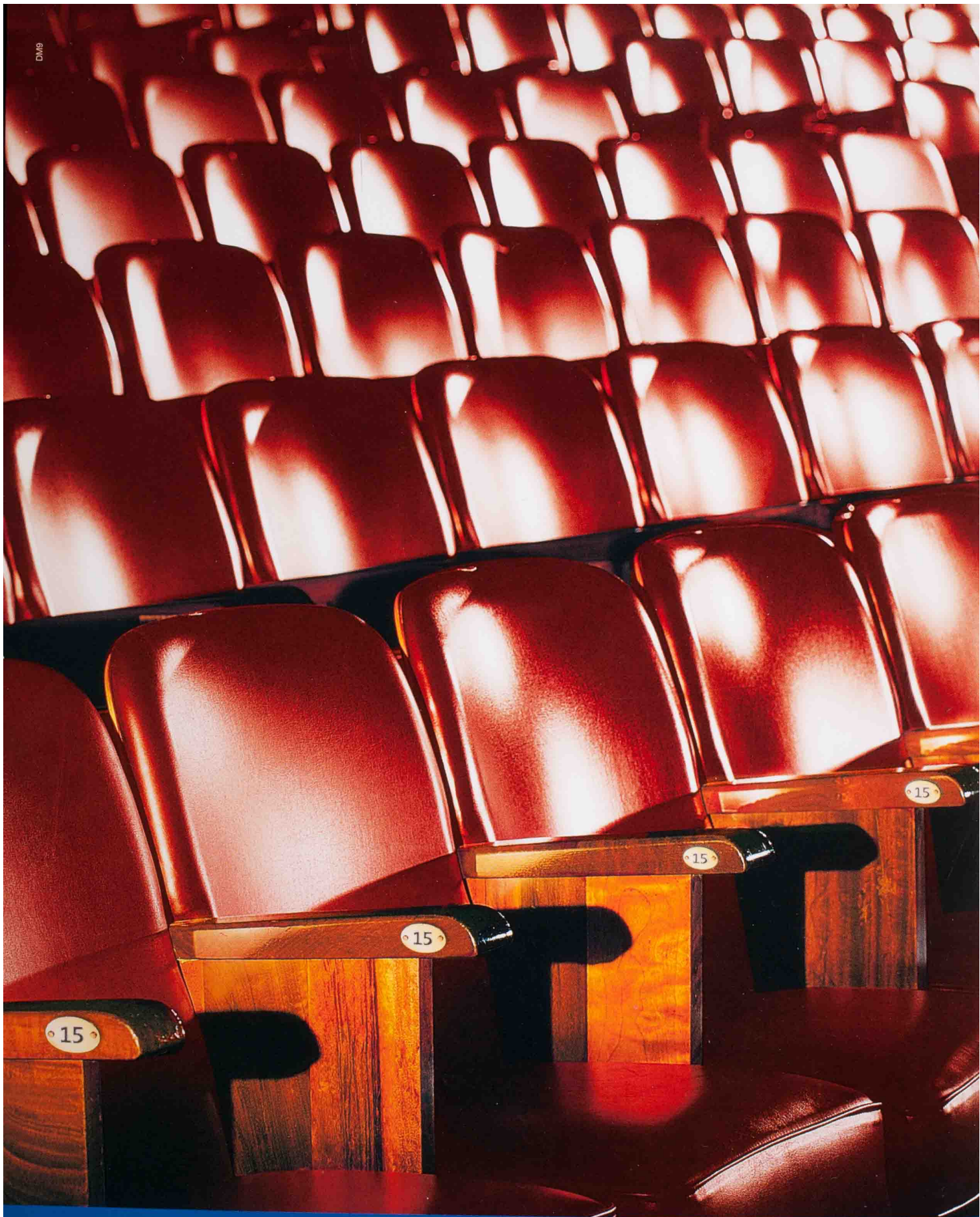
Bach: Missa em Si menor

24 de outubro, terça-feira

Bach: Missa em Si menor

25 de outubro, quarta-feira

Bach: Missa em Si menor



O 15 de São Paulo patrocina a temporada de concertos musicais do Cultura Artística.

Telefônica



A Canção, o Lied

Agregar música a textos da linguagem oral é prática que remonta aos primórdios da arte. Suas origens se perdem na poeira dos séculos. Todas as culturas possuem o seu acervo de canções, o qual pode ser integrado tanto pela canção popular (*Volkslied*, em alemão) quanto pela canção erudita ou artística (*Kunstlied*).

Determinado gênero de canção conhecido como *Lied* (literalmente canção, em alemão) é de surgimento relativamente recente. Peça em geral curta que associa texto poético e música, destinada a uma voz com acompanhamento de piano, o *Lied* nasceu na esfera da arte austro-germânica durante o século XVIII, atingindo o seu apogeu no século seguinte. Haydn, Mozart e Beethoven estiveram entre os primeiros grandes compositores a criar obras nesse âmbito. Schubert, nas primeiras décadas do século XIX, ao escrever mais de 600 *Lieder*, levou o gênero a altas paragens criativas, inaugurando com eles uma tradição que seria retomada por numerosos compositores românticos.

Com Schubert, o *Lied* se transformou em requintada forma de arte em que a voz solista e o acompanhamento desempenham papéis mutuamente interdependentes na comunicação do conteúdo emocional da poesia. Os *Lieder* de Schubert são em forma estrófica – onde a música é repetida a cada nova estrofe do poema – ou em melodia única, composta na continuidade (*durchkomponiert*, em alemão). Algumas vezes, o compositor reuniu certo número de *Lieder* em “ciclos”, coletâneas de canções ligadas por um mesmo tema literário explorado por seu autor em várias poesias.

SKILL EMPRESARIAL SAÚDE.

QUINARAS

A OMINT TRATANDO SEU FUNCIONÁRIO COMO VOCÊ GOSTA DE SER TRATADO.

Funções diferentes, responsabilidades diferentes, salários diferentes. Às vezes, a única coisa que dois funcionários têm em comum é a empresa em que trabalham. Mas se essa empresa trata todos os seus funcionários, do presidente ao estagiário, com respeito e consideração, isso tem o poder de unir pessoas totalmente diferentes em um time único, com um espírito de equipe difícil de ser superado. Quando criou a Skill Empresarial Saúde, a Omint se preocupou em garantir o acesso a tratamentos médicos e hospitalares de alto nível a todos os profissionais de sua empresa, sem distinção. Um comportamento natural não apenas da ética médica, mas de qualquer atividade na qual o relacionamento humano seja levado em consideração.



- Atendimento e administração Omint.
- Serviços de Case Management e Home Care.
- Programas de prevenção à saúde dos funcionários.
- Rede referenciada com médicos, hospitais e laboratórios de qualidade, desenhada para atender às necessidades de seus funcionários.
- Central de Atendimento ao Associado, orientando a utilização dos recursos, encaminhando emergências e identificando casos especiais.
- Reembolso direto em conta corrente, sem a necessidade de envolvimento do RH.


SKILL
empresarial saúde

Informações:
0800-174433
www.omint.com.br



À Amada Distante de Beethoven

Sobre a importância de Beethoven para o gênero *Lied*, considerou o estudioso Barry Cooper: “Embora freqüentemente creditada a Schubert a criação do *Lied* alemão romântico, a honra na verdade pertence a Beethoven, que nesse campo, como em tantos, forjou um estilo que exerceria profunda influência sobre seus sucessores românticos. No que diz respeito à precedência, quase todas as canções de Beethoven foram compostas antes de qualquer das de Schubert e, no que diz respeito aos tipos de canção, Beethoven utilizou todos os tipos principais empregados por seus sucessores, de simples composições estróficas a minuciosas obras com música diferente para cada estrofe”.

Beethoven deixou-nos cerca de noventa canções — a primeira delas escrita aos 14 anos. As seis canções que integram *An die ferne Geliebte*, opus 98 (À Amada Distante), fazem desse grupo um verdadeiro ciclo de *Lieder*, talvez o primeiro da História. De fato, foi a primeira vez que um compositor importante organizou um grupo de diversas canções em solo com acompanhamento de piano em um todo coerente e unificado.

Vários aspectos contribuem para a unidade musical desse ciclo: a canção final é na mesma tonalidade da primeira (Mi bemol maior), o tema da primeira retorna no fim para enfatizar o efeito cíclico e há até ligações entre uma canção e a seguinte (em geral, na forma de interlúdios de piano), em vez de interrupções nítidas. Conclui Barry Cooper: “As canções isoladas, contudo, têm melodias quase ingênuas, evocando o folclore, de modo que a obra como um todo é uma mescla perfeita de aparente simplicidade e grande sutileza musical”.

An die ferne Geliebte, sobre poemas de Alois Jeitelles, data de 1816, época na qual Beethoven já se encontrava mergulhado na completa surdez e distante da bem-amada. Em seu conjunto, as seis canções do ciclo falam da tristeza da separação e do amor impossível que só o canto pode consolar. Fazem referências, também, ao desejo do poeta de fundir-se à natureza, à sua vontade de ver o rosto da amada surgir das águas e às suas lamúrias.


Na última canção, o amante se endereça diretamente à amada, confiando a ela a totalidade do seu cantar e da sua melancolia. Ao mesmo tempo, consegue fazer com que o desejo ferido se transforme em pura espiritualidade.

Schubert e a Canção

Durante os 31 anos de sua curta existência, Schubert escreveu cerca de 600 *Lieder*, soma impressionante, sobretudo quando consideramos que ele se iniciou no gênero aos 15 anos. O artista musicou textos de ao redor de 100 poetas. Os mais visitados por ele foram: Goethe (71 *Lieder*), Mayrhofer (46), Müller (45) e Schiller (42). Apenas um terço desse enorme montante foi publicado em vida do autor. Assim, a maioria de suas canções seria conhecida apenas pela posteridade.

Quando tinha 20 anos, Schubert escreveu um texto que intitulou de “Meu sonho”. Essa narração, repleta de elementos autobiográficos, lança luz sobre a personalidade e a poética do artista. Aí ele fala da intensidade do amor que tem para dar e que deseja receber, da irreprimível tristeza, da carência afetiva, da sua rejeição da ordem estabelecida, da solidão e do nomadismo traduzidos pela canção. Aí também ele se refere à identificação que faz do amor com a dor no claro-escuro da alma, à doçura do repouso encontrado na morte, à ordem sobrenatural da música e ao seu desejo de se fundir e de se reconciliar com as pessoas amadas, através de uma infinita ternura. Assim, além de fornecer-nos uma visão profunda de sua paisagem psíquica, ele nos remete aos grandes temas poéticos de seus principais *Lieder*.

Schubert foi o grande responsável pela radical transformação imposta ao *Lied*, elevando grandemente a estatura do gênero. Antes dele, via de regra esse gênero era cultivado por compositores menores ou amadores, que se prendiam ao formato estrófico e à simplória inspiração folclórica. Em geral, os grandes músicos só abordaram a ingênua canção como um divertimento ocasional. Pois Schubert, partindo do arquétipo existente, transfigurou-o a tal ponto que conseguiu imprimir a



cada um de seus *Lieder* uma personalidade única – daí a sua originalidade. Também contribuíram para o ineditismo da sua abordagem a invenção de melodias memoráveis e a descoberta dos meios de enfatizar o significado do texto poético, através de mudanças no estilo declamatório, na textura sonora, nas figuras rítmico-melódicas e na harmonia.

Nas canções de Schubert, a música responde com infinita inventividade a cada imagem ou sentimento contidos no poema. É admirável a imaginação com a qual o compositor foi capaz de conceber e de controlar o fluir musical, a fim de que este pudesse estimular uma analogia com um ato físico ou psicológico. É igualmente de espantar em suas canções a largueza dos parâmetros formais, que nunca antes haviam sido postos de maneira tão concentrada no até então modesto gênero da canção.

Os ciclos de *Lieder* são considerados, na atualidade, os cumes da produção de Schubert nesse domínio. Esses ciclos são conjuntos de canções compostas como um todo orgânico. Os *Lieder* aí podem ser ligados ora por um fio narrativo, ora pelo clima emotivo ou, ainda, por seu plano tonal, por reminiscências ou motivos condutores.

A Bela Moleira

Iniciado para Schubert pela terrível revelação da doença sem cura que o acometia, a sífilis, o ano de 1823 vai também marcar o início do seu período criativo maior. Data também desse ano a sua descoberta daquele que seria o principal poeta dos seus anos derradeiros, Wilhelm Müller (1794 – 1827). Sobre poemas desse escritor, Schubert escreveu 44 *Lieder* distribuídos em dois ciclos, além de “O Pastor no Rochedo”. Nesses textos, o compositor encontrou ecos para os seus próprios sentimentos, que foram musicados na primeira pessoa. Assim, ele pôde aprofundar um dado dramático essencial: Os amores decepcionantes, porque insuportáveis, levam o homem a uma solidão existencial que encontra sua imagem cósmica na natureza.

Em “A Bela Moleira”, tal imagem se desenha na água – água como cenário, reflexo, figura do desejo que carrega para adiante mas que, tam-

bém, aponta para a inexorável passagem do tempo. Nesse contexto, a água é igualmente a água maternal do amor e da morte, na qual o poeta quer se perder. Isso porque, diante da impossibilidade de enfrentar a vida sem o anelo, apenas a fusão com o universo-água pode resolver. Rejeitado pela moça, ao jovem aprendiz só resta lançar-se na água, para ali encontrar a paz e o reconforto.

Viagem de Inverno

Os amigos mais próximos viveram com angústia a fase profundamente depressiva pela qual Schubert passava no início de 1827, afetando até mesmo a sua legendária facilidade composicional. Mas, em fevereiro, o artista se lança sobre os 12 poemas de Wilhelm Müller, que uma revista acabara de publicar sob o título de *Winterreise*. Trabalhando na surdina, no limite de suas forças, ele disse certo dia a seus amigos: “Vou cantar para vocês um ciclo de canções sinistras (...). Elas me tocam muito mais que as outras”.

Logo depois, entretanto, morre Beethoven, em março, algo que perturba profundamente o nosso músico. E será preciso esperar pelo outono para vê-lo capaz de voltar ao trabalho. É nesse momento que Schubert descobre uma antologia de Müller, onde a “Viagem de Inverno” se encontra ampliada, com 12 novos poemas. Estes provocam no compositor o surgimento de um segundo caderno de *Lieder*, datado de outubro de 1827.

Os dois cadernos de 12 canções cada um que integram “Viagem de Inverno” formam conjuntos coerentes mas diversos. E se o segundo constitui indiscutivelmente uma seqüência do primeiro, este, por sua vez, poderia ser visto como uma seqüência de “A Bela Moleira”, escrita sobre versos do mesmo poeta. *Die schöne Müllerin* iniciava-se sob o signo do “Caminhar”, encerrando-se com um tocante “Boa noite”. *Winterreise*, por sua volta, é aberto por um “Boa noite” que remete a uma viagem sem retorno, fechando-se sobre uma pergunta feita ao tocador de realejo, símbolo da morte: “Velho estranho, devo ir contigo?”

Neste último ciclo, há quem veja o aprendiz de moleiro, o próprio Schubert, em um novo e

tétrico percurso – para dentro do inverno e da noite, já com a morte na alma. Assim é que se sucedem, de maneira profundamente pessimista, as “Lágrimas geladas”, as imagens do “Degelo”, um saudosista “Sonho de primavera”, o qual acaba por desembocar na mais completa “Solidão”. E se sobre a “Cabeça embranquecida” ainda paira uma “Última esperança”, ela logo se vê desfeita pela violência do inverno, retratada na “Manhã de tempestade”. Por fim, sob a capa de um tocador de realejo, o poeta-cantor se defronta com a própria morte, a quem oferece suas canções.

Canto de Cisne

Durante agosto e setembro de 1828, pouco antes de morrer, Schubert escreve febrilmente canções, ao lado de farta música instrumental. E são essas 14 derradeiras canções que o seu irmão oferece ao editor Haslinger, que as publica sob o título de *Schwanengesang*. Se é verdade que esses *Lieder* efetivamente são o canto de cisne de Schubert, também é verdadeiro o fato de que eles, juntos, não perfazem um ciclo coerente como os dois anteriores.

Os sete primeiros *Lieder* dessa antologia foram escritos sobre textos de Rellstab. Neles voltamos a encontrar alguns dos grandes temas poéticos caros ao músico: a viagem, o distanciamento, a perda do objeto amado, a nostalgia – tudo tratado em pauta não trágica, por vezes risonha, até.

Os seis *Lieder* seguintes empregam poemas do grande Heine, contemporâneo exato do compositor. Se eles não totalizam uma unidade de um autêntico ciclo, esses textos entretanto são fortemente unidos pelo caráter, pelas idéias e pelo estilo. Aí, pela última vez, afloram alguns dos temas poéticos prediletos de Schubert, vistos sob o prisma irônico do poeta: ausência, amores perdidos, ilusão do mundo e pessimismo existencial.

As canções ecoam os lamentos do gigante Atlas, condenado a levar nos ombros toda a dor do mundo, uma contemplação mística do “seu rosto” bem-amado, um convite para que a jovem venha fazer companhia ao solitário, a visão da cidade ao amanhecer, onde o poeta perdeu o seu amor, uma

cena à beira-mar, na qual o herói se sente envenenado pelas lágrimas da amada, e, por fim, a visão do duplo do poeta, que o contempla com estranhamento e inquietude, já próximo da alucinação.

Para completar a coletânea, o editor do “Canto de Cisne” escolheu uma canção feita sobre um poema de Seidl, “O Pombo-correio”. Datado de outubro de 1828, ele seria o último *Lied* para voz e piano de Schubert (sua última partitura composta foi a ária de concerto “O Pastor no Rochedo”).

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretoria

José E. Mindlin	Presidente
Fernando Carramaschi	Vice-Presidente
Antonio Hermann D. M. de Azevedo	Diretor Tesoureiro
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayme Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José Francisco Freire Britto	Diretor
Gérald Perret	Superintendente

Conselho de Administração

José E. Mindlin	Presidente
João Lara Mesquita	Vice-Presidente

Membros

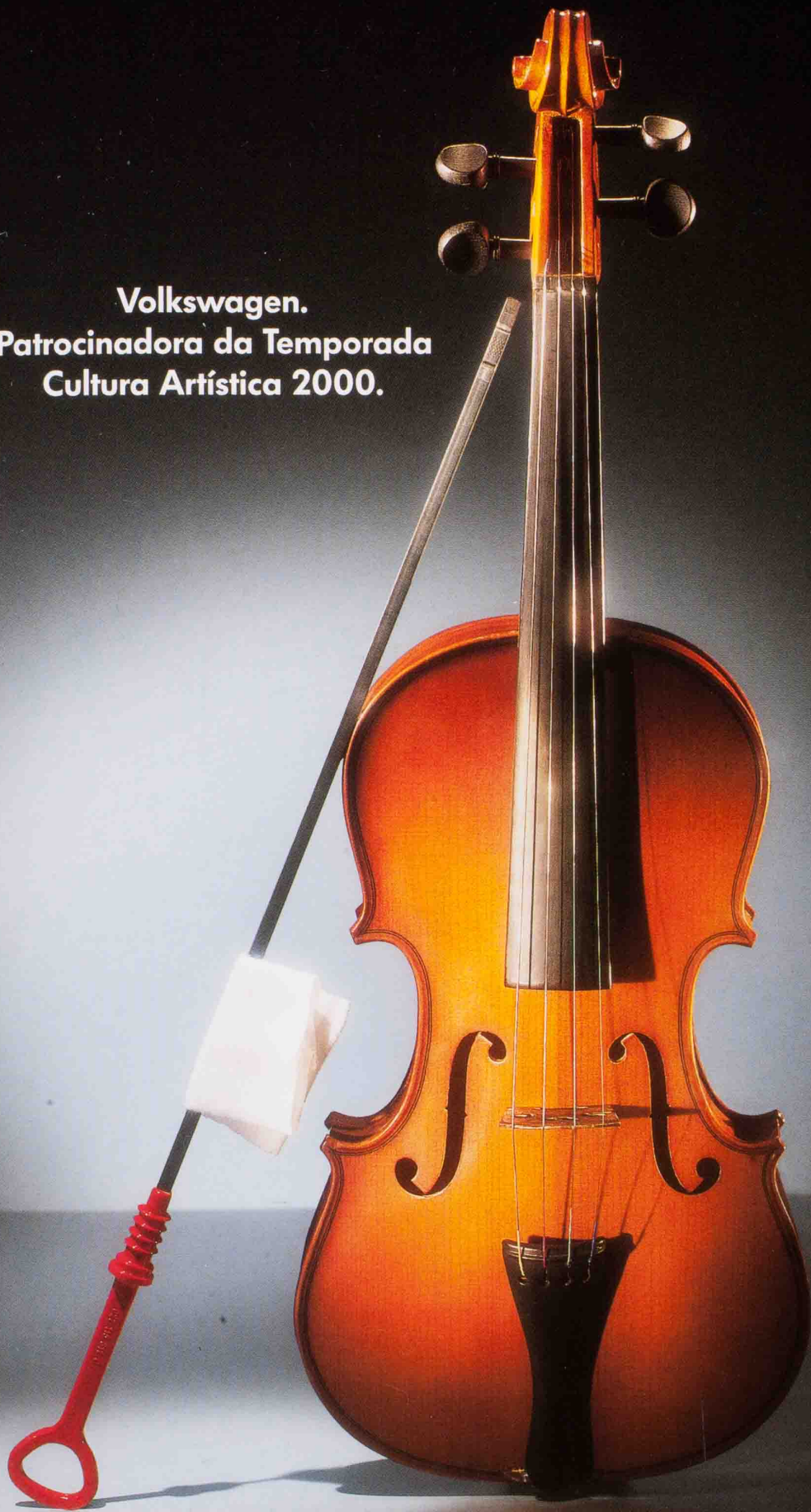
Maria de Lourdes Egydio Villela
Sylvia Kowarick
Alberto Soares de Almeida
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Sonder
Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita
Hermann H. Wever
José Ermírio de Moraes Filho
Max Feffer
Thomas Michael Lanz

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal.

Créditos Editoriais

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Textos Sociedade de Cultura Artística
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto Almeida
Edição Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Traduções Eduardo Brandão
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 2000.**



Volkswagen



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

abril 4, 5 e 6

Orquestra da Rádio de Moscou
Coro de Câmara de Moscou
Saulius Sondeckis *Regente*

maio 22, 23 e 24

The English Concert
Trevor Pinnock *Regente*

junho 12, 13 e 15

Stanislav Bunin *Piano*

julho 6, 7 e 10

Quarteto Alban Berg *Cordas*

agosto 14, 15 e 16

Europa Galante
Fabio Biondi *Regente e Violino Solista*

agosto 22, 24 e 28

Matthias Goerne *Barítono*
Eric Schneider *Piano*

setembro 19 e 20

Orquestra Sinfônica de Praga
Jirí Belohlávek *Regente*
Dezsö Ranki *Piano*

outubro 6 e 7

Orquestra Sinfônica de Chicago
Daniel Barenboim *Regente*

outubro 23, 24 e 25

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

novembro 13, 14 e 15

Orquestra Filarmônica Estatal da Renânia
Theodor Guschlbauer *Regente*
Antônio Meneses *Violoncelo*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 telefone (5511) 258 3616
www.culturaartistica.com.br
e mail: cultart@dialdata.com.br

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

Matthias Goerne

Barítono

Eric Schneider

Piano

Série Azul

24 de agosto, quinta-feira, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 - 1827)

An die ferne Geliebte, opus 98, n^{os} 1-6

À Amada Distante, Lieder sobre textos de Alois Jeitelles

Franz Schubert (1797 - 1828)

Taubenpost, D.965a

Pombo-correio, Lied sobre texto de Johann Gabriel Seidl

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne, Lieder sobre textos de Ludwig Rellstab

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne, Lieder sobre textos de Heinrich Heine

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional
Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90

promoção

ELDORADO
FM
92.9

patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Telefonica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

An die ferne Geliebte, opus 98, n^{os} 1-6

À Amada Distante, Lieder sobre textos de Alois Jeitelles

1

Auf dem Hügel sitz ich spähend
in das blaue Nebelland,
nach den fernen Triften sehend,
wo ich dich, Geliebte, fand.

Weit bin ich von dir geschieden,
trennend liegen Berg und Tal
zwischen uns und unserm Frieden,
unserm Glück und unsrer Qual.

Ach, den Blick kannst du nicht sehen,
der zu dir so glühend eilt,
und die Seufzer, sie verwehen
in dem Raume, der uns teilt.

Will denn nichts mehr zu dir dringen,
nichts der Liebe Bote sein?
Singen will ich, Lieder singen,
die dir klagen meine Pein!

Denn vor Liedesklang entweicht
jeder Raum und jede Zeit,
und ein liebend Herz erreicht,
was ein liebend Herz geweiht!

1

*Sento-me na colina e fico espiando
A azul paisagem das nuvens,
Procurando os verdes longínquos,
Onde, amada, te encontrei.*

*Bem distante estou de ti,
Colina e vale estão separados
Entre nós e nossa paz,
Nossa alegria e nossa angústia.*

*Ah! tu não podes ver o olhar,
Que tão ardente lanço a ti,
E os suspiros, eles se diluem
No espaço, que nos separa.*

*Nada mais quer correr para ti,
Nada que seja mensageiro do amor?
Quero cantar, cantar canções,
Que te declarem minha angústia!*

*Pois ao som de canções se desvanecem
Todo o espaço e todo o tempo,
E um coração enamorado alcançará
O que a um coração enamorado foi consagrado!*

2

Wo die Berge so blau
 aus dem nebligen Grau
 schauen herein,
 wo die Sonne verglüht,
 wo die Wolke umzieht,
 möchte ich sein!

Dort im ruhigen Tal
 schweigen Schmerzen und Qual.
 Wo im Gestein
 still die Primel dort sinnt,
 weht so leise der Wind,
 möchte ich sein!

Hin zum sinnigen Wald
 drängt mich Liebesgewalt
 innere Pein.
 Ach, mich zög's nicht von hier,
 könnt ich, Traute, bei dir
 ewiglich sein!

2

*Lá onde as montanhas tão azuis
 Na névoa cinzenta
 Aparecem,
 Onde o sol brilha,
 Onde as nuvens passeiam,
 Lá eu quero estar!*

*Lá no vale tranqüilo
 Silenciam a dor e a angústia.
 Onde, por entre as rochas
 A primula medita quieta,
 A brisa sopra gentil,
 Lá eu quero estar!*

*Para a floresta dos sonhos
 Pressiona-me a força do amor,
 Meu tormento interior.
 Ah, nada me moveria daqui,
 Se eu pudesse, amada, junto a ti
 Para sempre ficar!*

3

Leichte Segler in den Höhen
und du Bächlein klein und schmal,
könnt mein Liebchen ihr erspähen,
grüßt sie mir viel tausendmal.

Seht, ihr Wolken, sie dann gehen
sinnend in dem stillen Tal,
lasst mein Bild vor ihr entstehen
in dem luftigen Himmelssaal.

Wird sie an den Büschen stehen,
die nun herbstlich falb und kahl,
klagt ihr, wie mir ist geschehen,
klagt ihr, Vöglein, meine Qual.

Stille Weste, bringt im Wehen
hin zu meiner Herzenswahl
meine Seufzer, die vergehen
wie der Sonne letzter Strahl.

Flüstr' ihr zu mein Liebesflehen,
lass sie, Bächlein, klein und schmal,
treu in deinen Wogen sehen
meine Tränen ohne Zahl!

3

*Leve velejante nas alturas
E tu, riacho, pequeno e estreito,
Bem poderíeis chegar até minha amada,
E saudá-la mil vezes por mim.*

*Nuvens, se a vedes caminhar
Meditando no vale tranqüilo,
Deixai minha figura surgir ante ela
No grande salão celestial.*

*Estando ela junto aos arbustos,
Esmacidos e desfolhados pelo outono,
Dizei a ela o que me aconteceu,
Dizei a ela, passarinho, do meu tormento.*

*Calmo vento do oeste, leva em tua brisa
À eleita do meu coração
Meus suspiros, que se extinguem
Como o último raio de sol.*

*Sussurra-lhe minhas súplicas de amor,
Deixa-a, pequeno e estreito riacho,
Em tuas ondas com fidelidade ver
Minhas incontáveis lágrimas!*

4

Diese Wolken in den Höhen,
dieser Vöglein muntre Zug
werden dich, o Huldin, sehen.
Nehmt mich mit im leichten Flug.

Diese Weste werden spielen
Scherzend dir um Wang und Brust,
in den seidnen Locken wühlen.
Teilt ich mit euch diese Lust!

Hin zu dir von jenen Hügeln
emsig dieses Bächlein eilt.
Wird ihr Bild sich in dir spiegeln,
fließ zurück dann unverweilt!

5

Es kehret der maien, es blühet die Au.
Die Lüfte, sie wehen so milde, so lau.
Geschwätzig die Bäche nun rinnen.
Die Schwalbe, die kehret zum wirtlichen Dach,
sie baut sich so emsig ihr bräutlich Gemach,
die Liebe soll wohnen da drinnen.

Sie bringt sich geschäftig von kreuz und quer
manch weicherer Stück zu dem Brautbett hieher,
manch wärmendes Stück für die Kleinen.
Nun wohnen die Gatten beisammen so treu,
was Winter geschieden, verband nun der Mai,
was liebet, das weiß er zu einen.

Es kehret der Maien, es blühet die Au.
Die Lüfte, sie wehen so milde, so lau.
Nur ich kann nicht ziehen von hinnen.
Wenn alles, was liebet, der Frühling vereint,
nur unserer Liebe kein Frühling erscheint,
und Tränen sind all ihr Gewinnen.

4

*Estas nuvens nas alturas,
Esta alegre revoada de pássaros,
Irão te ver, oh minha amada.
Levai-me junto no leve vôo.*

*Estes ventos do oeste brincarão
Ao redor de tuas faces e do teu seio,
Revolvendo teus cachos sedosos.
Pudesse eu partilhar esta alegria!*

*Em direção a ti, da colina,
Corre este pequeno riacho.
Se, em ti, a sua imagem se refletir,
Corre rápido de volta para cá!*

5

*Maio está de volta, a campina floresce.
As brisas sopram doces e mornas.
Os riachos loquazes rumorejam.
A andorinha, de volta ao telhado acolbedor;
Constrói, dedicada, seu ninho matrimonial,
Onde irá morar o amor.*

*Daqui e dali ela carrega ativa
Gravetos macios para seu leito nupcial,
E mais gravetos para os filhotes aquecer.
Agora o casal está junto e tão fiel,
O que o inverno separou, maio agora reúne,
Os que se amam, ele sabe de novo juntar.*

*Maio está de volta, a campina floresce.
As brisas, sopram doces e mornas.
Apenas eu não posso daqui me mover.
Quando tudo que se ama a primavera reúne,
Apenas nosso amor a primavera não ilumina,
E lágrimas são a única recompensa.*

6

Nimm sie denn hin, diese Lieder,
die ich dir, Geliebte, sang,
singe sie dann abends wieder
zu der Laute süßem Klang.

Wenn das Dämmerungsrot dann ziehet
nach dem stillen blauen See,
und sein letzter Strahl verglühet
hinter jener Bergeshöh;

und du singst, was ich gesungen,
was mir aus der vollen Brust
ohne Kunstgepräg erklingen,
nur der Sehnsucht sich bewusst:

Dann vor diesen Liedern weichet,
was geschieden uns so weit,
und ein liebend Herz erreicht,
was ein liebend Herz geweiht.

6

*Aceita, pois, estas canções,
Que eu cantei, querida, para ti,
Canta-as à noite mais uma vez,
Ao suave som do alaúde.*

*E quando o crepúsculo surgir
Para além do tranqüilo lago azul,
E seu último raio se esvair
Por trás das montanhas;*

*E tu cantares, o que eu cantei,
O que, do meu peito repleto
Sou sem pompas de arte,
Ciente apenas de minha saudade:*

*Então, com estas canções se desvanecerá,
Tudo o que nos separou,
E um coração enamorado alcançará,
O que a um coração enamorado foi consagrado.*

Franz Schubert (1797 – 1828)

Taubenpost, D.965a

Pombo-correio, Lied sobre texto de Johann Gabriel Seidl

Taubenpost

Ich habe eine Brieftaub in meinem Sold,
die ist gar ergeben und treu,
sie nimmt mir nie das Ziel zu kurz,
und fliegt auch nie vorbei.

Ich sende sie viel tausendmal
auf Kundschaft täglich hinaus,
vorbei an manchem lieben Ort,
bis zu der Liebsten Haus.

Dort schaut sie zum Fenster heimlich hinein,
belauscht ihren Blick und Schritt,
gibt meine Grüsse scherzend ab
und nimmt die ihren mit.

Kein Briefchen brauch ich zu schreiben mehr,
die Träne selbst geb ich ihr:
O sie verträgt sie sicher nicht,
gar eifrig dient sie mir.

Bei Tag, bei Nacht, im Wachen, im Traum,
ihr gilt das alles gleich,
wenn sie nur wandern, wandern kann,
dann ist sie überreich.

Sie wird nicht müd, sie wird nicht matt,
der Weg ist ihr stets neu;
sie braucht nicht Lockung, braucht nicht Lohn,
die Taub ist mir so treu.

Drum heg ich sie auch so treu an der Brust,
versichert des schönsten Gewinns;
sie heißt – die Sehnsucht!
Kennt ihr sei? Die Botin treuen Sinns.

Pombo-correio

*Tenho, a meu serviço, um pombo-correio,
Muito devoto e fiel,
Nunca desce antes do endereço,
E nunca o passa em seu vôo.*

*Eu o envio milhares de vezes
Por notícias, todos os dias,
Passando por lugares queridos,
Até a casa da minha amada.*

*Lá ele, furtivo, olha pela janela,
Observa seu olhar e seus passos,
Jocoso, entrega minha saudação
E traz a dela para mim.*

*Não mais preciso escrever cartas,
Minhas próprias lágrimas entrego a ele:
Oh, ele certamente não as perderá,
Tão zeloso ele me serve.*

*De dia, de noite, acordado, sonhando,
Para ele é tudo igual,
Se pode, apenas, voar e voar,
Já fica muito feliz.*

*Ele não se cansa, não se esgota,
Para ele o caminho é sempre novo;
Não precisa de sedução, nem de pagamento,
O pombo me é tão fiel.*

*Por isso o tenho sempre junto ao peito
Certo da bela recompensa;
Seu nome é: saudade!
Conhecei? A mensageira do sentimento fiel.*

Franz Schubert (1797 – 1828)

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne, Lieder sobre textos de Ludwig Rellstab

1. Liebesbotschaft

Rauschendes Bächlein, so silbern und hell,
eilst zur Geliebten so munter und schnell?
Ach, trautes Bächlein, mein Bote sei du;
bringe die Grüße des Fernen ihr zu.

All ihre Blumen im Garten gepflegt,
die sie so lieblich am Busen trägt,
und ihre Rosen in purpurner Glut,
Bächlein, erquicke mit kühlender Flut.

Wenn sie am Ufer, in Träume versenkt,
meiner gedenkend, das Köpfchen hängt,
tröste die Süße mit freundlichem Blick,
denn der Geliebte kehrt bald zurück.

Neigt sich die Sonne mit rötlichem Schein,
wiege das Liebchen in Schlummer ein.
Rausche sie murmelnd in süße Ruh,
flüstere ihr Träume der Liebe zu.

1. Mensagem de amor

*Riacho murmurante, prateado e cristalino,
Corres para a amada tão carinhoso e rápido?
Ah! Fiel riacho, sê meu mensageiro;
Leva a ela a saudação de quem está tão longe.*

*Todas as flores cuidadas no jardim,
E que tão graciosa carrega no seio,
E suas rosas em purpúreo ardor,
Refresca-as, riacho, com tua corrente.*

*Quando em tua margem mergulhada em sonhos,
Pensando em mim, pender a cabeça,
Conforta a doce amada com um olhar amigo,
Pois o amado logo estará de volta.*

*Ao por do sol, com seu manto vermelho,
Embala a amada até que adormeça.
Sussurra-lhe, murmurando, para o doce repouso,
Segreda-lhe sonhos de amor.*

2. Kriegers Ahnung

In tiefer Ruh liegt um mich her
 der Waffenbrüder Kreis;
 mir ist das Herz so bang, so schwer,
 von Sehnsucht mir so heiß.

Wie hab ich oft so süß geträumt
 an ihrem Busen warm!
 Wie freundlich schien des Herdes Glut,
 lag sie in meinem Arm.

Hier, wo der Flammen düsterer Schein
 ach! nur auf Waffen spielt,
 hier fühlt die Brust sich ganz allein,
 der Wehmut Träne quillt.

Herz, dass der Trost dich nicht verlässt,
 es ruft noch manche Schlacht.
 Bald ruh ich wohl und schlafe fest,
 Herzliebste – gute Nacht!

2. Ressentimento do guerreiro

*Em profunda paz, à minha volta está
 O clã dos guerreiros;
 Meu coração está tão temeroso e pesado,
 Tão ardente de saudade.*

*Quantas vezes sonhei doces sonhos
 Junto ao seio da amada!
 Como era agradável o brilho da fogueira,
 Quando ela estava em meus braços.*

*Aqui, onde o brilho sombrio das chamas
 Ah! Só brinca com nossas armas,
 Aqui o coração se sente todo só,
 E correm lágrimas de melancolia.*

*Coração, que o conforto não te abandone,
 Muitas batalhas ainda chamam.
 Logo descansarei em sono profundo,
 Coração querido: boa noite!*

3. Frühlingssehnsucht

Säuselnde Lüfte wehend so mild,
blumiger Düfte atmend erfüllt!
Wie haucht ihr mich wonnig begrüßend an!
Wie habt ihr dem pochenden Herzen getan?
Es möchte euch folgen auf luftiger Bahn,
Wohin? Wohin?

Bächlein, so munter rauschend zumal,
wollen hinunter silbern ins Tal.
Die schwebende Welle, dort eilt sie dahin!
Tief spiegeln sich Fluren und Himmel darin.
Was ziehst du mich, sehnend verlangender Sinn,
hinab? Hinab?

Grüßender Sonne spielendes Gold,
hoffende Wonne bringest du hold,
wie labt mich dein selig begrüßendes Bild!
Es lächelt am tiefblauen Himmel so mild
und hat mir das Auge mit Tränen gefüllt,
warum? Warum?

Grünend umkränzet Wälder und Höh.
Schimmernd erglänzet Blütenschnee.
So dränget sich alles zum bräutlichen Licht;
Es schwellen die Keime, die Knospe bricht;
sie haben gefunden, was ihnen gebricht:
Und du? Und du?

Rastloses Sehnen! Wünschendes Herz,
immer nur Tränen, Klage und Schmerz?
Auch ich bin mir schwellender Triebe gewusst!
wer stillt mir endlich die drängende Lust?
Nur du befreist den Lenz
[in der Brust,
nur du! Nur du!

3. Saudades da primavera

*Docemente sopram brisas sussurrantes,
Preenchidas com aroma de flores!
Que deliciosa é a saudação de vossos suspiros!
O que fizestes para meu coração tanto palpitar?
Ele gostaria de vos seguir em vosso caminho,
Para onde? Para onde?*

*Riacho, tão alegre e murmurante,
Corre prateado para o vale.
A corrente ondulante corre para lá!
Refletem-se no fundo os campos e o céu.
Por que me puxas, sentimento de saudade,
Para baixo? Para baixo?*

*Resplandecente ouro do sol que me saúda,
Tu trazes, doce, a benção da esperança,
Como me anima o teu acolbedor semblante!
Sorri tão doce no azul profundo do céu
E encheu de lágrimas os meus olhos,
Por que? Por que?*

*Bosques e picos coroados de verde.
Cintilantes brilham as flores alvas.
E assim tudo pressiona para a luz do amor;
Os brotos crescem, os botões se abrem;
Eles acharam o que procuravam:
E tu? E tu?*

*Saudade sem descanso! Coração desejoso,
Sempre só lágrimas, sofrimento e dor?
Também percebo a ansiedade crescente!
Quem, por fim, saciará meu desejo incontido?
Apenas tu podes liberar a primavera
[em meu peito,
Só tu! Só tu!*

4. Ständchen

Leise flehen meine Lieder
durch die Nacht zu dir;
in den stillen Hain hernieder,
Liebchen, komm zu mir!

Flüsternd schlanke Wipfel rauschen
in des Mondes Licht,
des Verräters feindlich Lauschen
fürchte, Holde, nicht.

Hörst die Nachtigallen schlagen?
Ach! sie flehen dich,
mit der Töne süßen Klagen
flehen sie für mich.

Sie verstehn des Busens Sehnen,
kennen Liebesschmerz,
rühren mit den Silbertönen
jedes weiche Herz.

Lass auch dir die Brust bewegen,
Liebchen, höre mich,
bebend harr ich dir entgegen!
Komm, beglücke mich!

5. Aufenthalt

Rauschender Strom, brausender Wald,
starrender Fels mein Aufenthalt.
Wie sich die Welle an Welle reiht,
fließen die Tränen mir ewig erneut.

Hoch in den Kronen wogend sich's regt,
so unaufhörlich mein Herze schlägt,
und wie des Felsen uraltes Erz,
ewig derselbe bleibet mein Schmerz.

4. Serenata

*Docemente minhas canções suplicam
A ti, noite adentro;
Aqui no bosque silencioso,
Amada, vem para mim!*

*Sussurram murmurantes as copas das árvores
À luz da lua,
Da espreita do inimigo traidor
Não tenhas medo, minha querida.*

*Ouves os rouxinóis cantarem?
Ah, eles te suplicam,
Com os sons do doce sofrimento
Eles suplicam por mim.*

*Eles entendem a nostalgia do coração,
Conhecem as penas do amor,
Tocam com seus sons prateados
Cada terno coração.*

*Deixa também teu coração ser tocado,
Querida, ouve-me,
Trêmulo, espero por ti!
Vem, faz-me feliz!*

5. Minha morada

*Corrente murmurante, floresta sussurrante,
Penhascos imóveis, minha morada.
Assim como onda segue onda,
Correm-me lágrimas sempre renovadas.*

*Como o balançar do topo das árvores,
Assim bate meu coração sem cessar,
E como o milenar mineral do rochedo,
Assim permanece minha dor para sempre.*

6. Herbst – D.957

Es rauschen die Winde so herbstlich und kalt;
 Verödet die Fluren, entblättert der Wald.
 Ihr blumigen Auen! du sonniges Grün!
 So welken die Blüten des Lebens dahin.

Es ziehen die Wolken so finster und grau,
 verschwunden die Sterne am himmlischen Blau!
 Ach, wie die Gestirne am Himmel entfliehn,
 so sinket die Hoffnung des Lebens dahin!

Ihr Tage des Lenzes mit Rosen geschmückt,
 wo ich die Geliebte ans Herze gedrückt!
 Kalt über den Hügel rauscht, Winde, dahin!
 So sterben die Rosen der Liebe dahin.

7. In Der Ferne

Wehe, den Fliehenden, Welt hinaus ziehenden! –
 Fremde durchmessenden,
 [Heimat vergessenden,
 Mutterhaus hassenden, Freunde verlassenden
 folget kein Segen, ach! auf ihren Wegen nach!

Herze, das sehrende, Auge, das tränende,
 Sehnsucht, nie endende, heimwärts sich wendende!
 Busen, der wallende, Klage, verhallende,
 Abendstern, blinkender, hoffnungslos sinkender!

Lüfte, ihr säuselnden, Wellen, sanft kräuselnden,
 Sonnenstrahl, eilender, nirgends verweilender:
 Die mir mit Schmerz, ach! dies
 [treue Herze brach,
 grüßt von dem Fliehenden,
 [Welt hinaus ziehenden.

6. Outono – D.957

*Os ventos sopram outonais e frios;
 Os campos abandonados, a floresta desfolhada.
 Vós campinas floridas! Tu, verde ao sol!
 Assim se esvaem as flores da vida.*

*As nuvens se movem cinzas e escuras,
 Desaparecem as estrelas do azul do céu!
 Ah! Desaparecendo as estrelas do céu,
 Então esvai-se a esperança de vida!*

*Dias de primavera coroados com rosas,
 Quando eu apertava a amada ao peito!
 Frios os ventos sopram sobre os montes!
 E morrem assim as rosas do amor.*

7. Distante

*Ai do fugitivo, que saiu pelo mundo afora!
 Passando por outros lugares,
 [esquecendo a terra natal,
 Odiando seu lar, abandonando os amigos,
 Nenhuma benção o seguirá em seu caminho!*

*Coração saudoso, olho lacrimejante,
 Saudade nunca findando, mesmo voltando ao lar!
 Peito palpitante, sofrimento crescente,
 Estrela vespertina, brilhante, esperança cadente!*

*Brisas murmurantes, doces ondas encaracoladas,
 Raio de sol apressado, que nunca espera:
 Levai a ela, que dolorosamente partiu
 [este coração fiel,
 Saudações do fugitivo, que saiu
 [pelo mundo afora!*

8. Abschied

Ade! du muntre, du fröhliche Stadt, ade!
 Schon scharret mein Rösslein mit lustigem Fuß;
 Jetzt nimm noch den letzten, den scheidenden Gruß.
 Du hast mich wohl niemals noch traurig gesehn,
 So kann es auch jetzt nicht beim Abschied geschehn.

Ade, ihr Bäume, ihr Gärten so grün, ade!
 Nun reit ich am silbernen Strome entlang,
 Weit schallend ertönet mein Abschiedsgesang;
 Nie habt ihr ein trauriges Lied gehört,
 So wird euch auch keines beim Scheiden beschert.

Ade, liebe Sonne, so gehst du zur Ruh, ade!
 Nun schimmert der blinkenden Sterne Gold.
 Wie bin ich euch Sternlein am Himmel so hold;
 Durchziehn wir die Welt auch weit und breit,
 Ihr gebt überall uns das treue Geleit.

Ade, ihr freundlichen Mägdlein dort, ade!
 Was schaut ihr aus blumentumduftetem Haus
 Mit schelmischen, lockenden Blicken heraus?
 Wie sonst, so grüß ich und schaue mich um,
 Doch nimmer wend ich mein Rösslein um.

Ade! du schimmerndes Fensterlein hell, ade!
 Du glänzest so traulich mit dämmerndem Schein,
 Und ladest so freundlich ins Hüttchen uns ein.
 Vorüber, ach, ritt ich so manches Mal,
 Und wär es denn heute zum letzten Mal.

Ade, ihr Sterne, verhüllet euch grau! Ade!
 Des Fensterlein trübes, verschimmerndes Licht
 Ersetzt ihr unzähligen Sterne uns nicht;
 Darf ich hier nicht weilen, muss hier vorbei,
 Was hilft es, folgt ihr mir noch so treu!

8. Despedida

Adeus! Alegre, querida cidade, adeus!
Meu cavalo já roça alegre suas patas;
Recebe agora a última saudação de partida.
Nunca ouvistes uma canção triste,
Pois não ouvireis agora na separação.

Adeus, árvores, jardins tão verdes, adeus!
Galopo agora margeando o rio prateado,
Longe ecoa minha canção de despedida;
Nunca ouvistes uma canção triste,
Pois não ouvirás agora na separação!

Adeus, querido sol, vai descansar, adeus!
Brilham agora os raios dourados das estrelas,
Como vos quero, estrelas do céu;
Viajando pelo mundo, pelo mundo afora,
Sempre nos mostrais o rumo certo.

Adeus, amáveis donzelas, adeus!
Por que olhais das casas fragrantas de flores
Com olhares jocosos e sedutores?
Como sempre, saúdo e me volto,
Mas nunca deixo o meu cavalo retornar.

Adeus, clara janelinha brilhante, adeus!
Tu brilhas tão linda com a luz crepuscular,
E convidas tão gentil a entrar na casinha.
Cavaleguei tantas vezes, passando por ti,
Seria boje, então, a última vez?

Adeus, estrelas, cobri-vos de cinza, adeus!
A luz triste, fraca, da janelinha
Vós não podeis substituir, incontáveis estrelas;
Não me posso deter, devo partir,
Em que ajuda que me sigais tão fiéis?

Franz Schubert (1797 – 1828)

Der Schwanengesang, D.957

O Canto do Cisne, Lieder sobre textos de Heinrich Heine

1. Der Atlas

Ich unglückselger Atlas! Eine Welt,
die ganze Welt der Schmerzen muss ich tragen.
Ich trage Unerträgliches, und brechen
will mir das Herz im Leibe.

Du stolzes Herz, du hast es ja gewollt!
Du wolltest glücklich sein, unendlich glücklich,
Oder unendlich elend, stolzes Herz,
und jetzt bist du elend!

1. Atlas

*Atlas infeliz, eu sou! Um mundo,
Todo o mundo de sofrimento tenbo que carregar.
Carrego o impossível, e quer partir-se
O coração em meu corpo.*

*Coração orgulhoso, tu o querias!
Tu querias ser feliz, infinitamente feliz,
Ou infeliz para sempre, coração orgulhoso,
E és agora infeliz!*

2. Ihr Bild

Ich stand in dunkeln Träumen
und starrt' ihr Bildnis an,
Und das geliebte Antlitz
Heimlich zu leben begann.

Um ihre Lippen zog sich
Ein Lächeln wunderbar.
Und wie von Wehmutstränen
erglänzte ihr Augenpaar.

Auch meine Tränen flossen
mir von den Wangen herab.
Und ach! ich kann es nicht glauben,
dass ich sie verloren hab!

2. Sua imagem

*Eu estava imerso em sonhos sombrios
Fitando a sua imagem,
E a feição querida
Em segredo começou a viver.*

*Em seus lábios apareceu
Um sorriso maravilhoso.
E como que de lágrimas de melancolia
Brilharam os seus olhos.*

*Também lágrimas correram
Pela minha face.
Ah! eu não posso acreditar,
Que eu a perdi!*

3. Das Fischermädchen

Du schönes Fischermädchen,
treibe den Kahn ans Land;
komm zu mir und setze dich nieder,
wir kosen Hand in Hand.

Leg an mein Herz dein Köpfchen
und fürchte dich nicht zu sehr;
vertraust du dich doch sorglos
täglich dem wilden Meer!

Mein Herz gleicht ganz dem Meere,
hat Sturm und Ebb und Flut,
und manche schöne Perle
in seiner Tiefe ruht.

3. A menina pescadora

*Linda menina pescadora,
Traz teu barco à terra;
Vem e senta-te junto a mim,
E acariciaremos nossas mãos.*

*Põe tua cabeça junto ao meu coração
E não tenhas mais tanto temor;
Pois tu confias em ti, sem medo,
Todos os dias, no mar bravio!*

*Meu coração parece muito com o mar,
Com tempestades, subidas, descidas,
E algumas lindas pérolas
Repousam no seu interior.*

4. Die Stadt

Am fernen Horizonte
erscheint, wie ein Nebelbild,
die Stadt mit ihren Türmen,
in Abenddämmerung gehüllt.

Ein feuchter Windzug kräuselt
die graue Wasserbahn;
mit traurigem Takte rudert
der Schiffer in seinem Kahn.

Die Sonne hebt sich noch einmal
leuchtend vom Boden empor,
und zeigt mir jene Stelle,
wo ich das Liebste verlor.

4. A cidade

*Ao longe, no horizonte,
Aparece, como uma visão nevoenta,
A cidade com suas torres,
Envolta no crepúsculo da tarde.*

*Uma brisa úmida envolve
A cinzenta corrente de água;
Em compassos tristes, rema
O barqueiro em seu bote.*

*O sol ergue-se mais uma vez
Reluzente, no horizonte,
E me aponta o lugar,
Onde perdi o meu amor.*

5. Am Meer

Das Meer erglänzte weit hinaus
im letzten Abendscheine;
wir saßen am einsamen Fischerhaus
wir saßen stumm und alleine.

Der Nebel stieg, das Wasser schwoll,
die Möwe flog hin und wieder;
aus deinen Augen, liebevoll,
fielen die Tränen nieder.

Ich sah sie fallen auf deine Hand
und bin aufs Knie gesunken;
ich hab von deiner weißen Hand
die Tränen fortgetrunken.

Seit jener Stunde verzehrt sich mein Leib,
die Seele stirbt vor Sehnen;
mich hat das unglückselge Weib
vergiftet mit ihren Tränen

6. Der Doppelgänger

Still ist die Nacht, es ruhen die Gassen,
in diesem Hause wohnte mein Schatz;
sie hat schon längst die Stadt verlassen,
doch steht noch das Haus auf demselben Platz.

Da steht auch ein Mensch und starrt in die Höhe,
und ringt die Hände vor Schmerzensgewalt;
mir graust es, wenn ich sein Antlitz sehe –
der Mond zeigt mir meine eigne Gestalt.

Du Doppelgänger, du bleicher Geselle!
Was öffst du nach mein Liebesleid,
das mich gequält auf dieser Stelle
so manche Nacht, in alter Zeit?

5. No mar

*O mar brilhava de todos os lados
Com os últimos raios da tarde;
Junto à solitária cabana de pescador
Ficamos sentados silenciosos e sós.*

*A névoa subia, a água crescia,
A gaivota voava para lá e para cá;
De teus olhos cheios de amor
As lágrimas corriam.*

*Eu as vi caírem em tuas mãos
Então me pus de joelhos;
E, de tuas brancas mãos,
Todas as lágrimas bebi.*

*Desde então meu corpo se consome;
A alma morre de saudade;
Aquela mulher entristecida
Com suas lágrimas me envenenou.*

6. O duplo

*A noite está quieta, as ruas em paz,
Nesta casa morava minha amada;
Ela, há muito, deixou a cidade,
Mas a casa ainda está no mesmo lugar.*

*Lá está também uma pessoa, olhando para o alto,
E fecha as mãos com força sofrida;
Fico horrorizado quando vejo seu semblante:
A lua me mostra minha própria imagem.*

*Duplo, pálido companheiro!
Por que zombas da dor do meu amor,
Que me tem torturado, neste lugar,
Por tantas noites, há tanto tempo?*